

## A FORMAÇÃO DA NOÇÃO DE ESPAÇO

### TRAINING SPACE NOTION

Marcos Rafael Monteiro  
ITOP

**Resumo:** Estudo multidisciplinar em que procuramos analisar a dinâmica da significação dos espaços e sua conceituação. No que se refere à conceituação analisamos o processo de formação da noção de espaço, considerando alguns conceitos que lhe são atribuídos, e que foram ditados, sobretudo, pelos impactos sociais causados por uma situação de contato interlinguístico. No que se refere à linguagem, analisamos os processos de formação de conceitos e a dinâmica da simbolização do objeto – espaço, reconhecendo assim, uma realidade moldada pelas necessidades e anseios do homem.

**Palavras Chave:** Arquitetura. Linguística. Semiótica, Espaço.

**Abstract:** Multidisciplinary study where we try to analyze the dynamics of the significance of spaces and its conceptualization. With regard to the concept we analyze the process of formation of the notion of space, considering some concepts assigned to him and that were dictated mainly by social impacts caused by interlingual contact situation. With regard to language, we analyze the concepts formation and the dynamics of symbolization of the object - space, thus recognizing a reality shaped by human needs and desires.

**Keywords:** Architecture. Linguistics. Semiotics. Space.

### Introdução

Com o surgimento da *Urbe* e as mais diversas interações humanas, a arquitetura toma forma e vai, ao longo do tempo, permeando os caminhos do homem. A linguagem desenvolve-se concomitantemente à arquitetura. Não é possível dissociarmos uma da outra. Elas se fundem no seio das sociedades, uma utilizando-se da outra, por vezes sem se dar conta disso, mas cientes dos cruzamentos em seus eixos ordenadores; de um lado, a linguística com a dicotomia sincronia e diacronia<sup>1</sup>, e por outro a arquitetura, que surge como fruto dicotômico dos eixos que ordenam o espaço.

### Método

A ênfase desta pesquisa encontra-se no processo, e não no produto final. O pesquisador, em seu trabalho, se aproxima do espaço e das situações que os envolvem sem pretender, de modo algum, interferir no seu ambiente ou mesmo modificá-lo. Assim sendo, utilizamos fontes bibliográficas e documentais para o levantamento da produção teórica como forma de cotejarmos os assuntos pertinentes a nossa linha de pesquisa, mas achadiços no universo pormenorizado da ciência.

### Discussão

No indivíduo adulto, que se depara com uma situação real, o conceito de espaço não será constituído a partir de estágios de desenvolvimento, como escreve Piaget (2002), mas por intermédio de estruturas operatórias e com base, ainda, em todo tipo de informação que o indivíduo possua a respeito dos mesmos, sejam elas teóricas, práticas, singulares ou abrangentes.

Assim sendo, o ser humano somente consegue perceber o espaço através de suas experiências com ele próprio, o espaço, através de sua interação com o meio em que se insere. Esse constituinte, o meio, é de fundamental importância no processo de percepção e apreensão do espaço.

As atividades de apreensão não se constituem em um movimento de objetivação, mas novas possibilidades de explicação dos fenômenos. Podemos, então, dividir o processo de apreensão

---

<sup>1</sup> Sincronia refere-se ao eixo das simultaneidades e Diacronia ao eixo das sucessividades. No primeiro caso é o estudo das relações entre fatos coexistentes num sistema linguístico num dado momento, abstraindo-se qualquer noção de tempo; no segundo caso, é o estudo das relações que um fenômeno mantém para com os fenômenos que o precedem ou sucedem, ao longo de uma linha evolutiva.

do espaço em três níveis: a percepção (apreensão do real), a formação da imagem (motivação semiótica) e o relacionamento da percepção e da imagem com informações mais elaboradas.

Esses níveis formam um movimento entre as estruturas figurativas e operatórias e atividades sensoriais empíricas, teóricas e abstratas que formam a base da aquisição de conhecimento, enquanto apreensão do espaço (PIAGET, 2002:9-ss).

A seu turno, Carpintero demonstra em seu trabalho – Sobre o Conceito de Espaço (1986) – que essas fases do desenvolvimento prescritas por Piaget (2002), também existem quando da percepção do espaço. Para Piaget, é no próprio desenvolvimento da criança que se dá a formação dos processos perceptivos do espaço. Para Piaget (2002), no entender de Carpintero, é na ação, no movimento, movimento corporal para Piaget, que reside a “base da própria construção do sujeito” (CARPINTERO, 1986:42).

Como as questões relativas à linguagem aplicam-se aos diversos campos da expressão humana, é preciso limitar o campo de atuação da linguagem da arquitetura. Para isso, é preciso refletir sobre seu principal meio de expressão e de trabalho: este meio é o espaço. É no espaço (entendido em toda a sua amplitude de significados, não só o espaço cartesiano, mas também o espaço social, o espaço vivenciado pela experiência humana) que a arquitetura efetivamente se manifesta e no qual seus elementos podem ser arranjados. A linguagem da arquitetura é, portanto, o espaço.

Os invólucros formais que o definem, do ponto de vista da linguagem, são considerados não um fim, mas um instrumento: as alterações que se fazem neles têm como fim a alteração do espaço como ente a ser percebido pelo homem. O espaço abordado de diferentes formas pode ser entendido como produto e objeto de trabalho do arquiteto (ZIVI, 1996), e também pode ser entendido como existente apenas enquanto espaço informado (FIORIN, 2001).

Para Fiorin (2001) espaço informado é aquele onde o poeta, o linguista, ou mesmo o falante comum, toma como seu universo de discurso. No discurso linguístico, somente há espaço enquanto informação contida nele próprio. Nos escritos de Fiorin (2001) citando Osman Lins, quando a narrativa se ocupa do espaço ela não se preocupa em produzir uma sintaxe espacial, que ele chama de ambientação. Ambientação, para Lins, é um “conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar na narrativa a noção de um determinado ambiente” (LINS *apud* FIORIN, 2001:259).

Esse processo se dá no interior das narrativas, no decorrer das narrativas linguísticas, é no contexto do discurso que o espaço onde ela se desenrola é demarcado. Analogamente, Fiorin (2001) mostra que a ambientação descrita por Lins também se articula em torno do que ele chama de categorias interior e exterior. Para ele, então, “o espaço é um objeto construído a partir da introdução de uma descontinuidade numa continuidade” (FIORIN, 2001:260).

Temos, assim, a caracterização do espaço interior em oposição ao espaço exterior, nos estudos linguísticos da mesma forma como se dá na arquitetura. Portanto, numa obra de arquitetura, os elementos de linguagem arquitetônicos, utilizados em sua composição, se dão pela relação entre seus elementos e o todo.

Ao falarmos de linguagem, temos que identificar as partes que compõem essa linguagem seja arquitetural ou qualquer outra. Linguagem esta relacionada ao objeto que por sua vez nos remete ao signo nele existente, que é interpretado por um observador. Note-se que intérprete, interpretante ou mesmo interpretação têm definições bem diferentes nos estudos linguísticos ou semióticos.

Nesse universo construímos também novos e inusitados espaços. E com o poder do olhar humano, com uma percepção fenomenológica organizamos nossa arquitetura. E, se entendemos como Eco (1987), que a arquitetura é um fenômeno de cultura e como tal se baseia num sistema de signos, então, como signo, podemos inseri-la num espaço de criação que se forma a partir de um olhar, de um ponto de vista, expresso através de um ato ilocutório<sup>2</sup>.

O espaço é nomeado por ato ilocutório construído a partir das experiências do indivíduo inserido na sociedade. Esse ato de fala sofre influência dos três momentos que o formam: a pessoa, o tempo e o espaço. Esses constitutivos também são encontrados na formação dos espaços sociais

---

<sup>2</sup> Há três atos de fala distintos: o ato locutório, ou o ato de dizer alguma coisa; o ato ilocutório, produzido ao se dizer alguma coisa; e, finalmente, o ato perlocutório, ou o efeito causado pelo que se disse.

criados pelo arquiteto urbanista.

Na interpretação do espaço, a pessoa – interpretante – toma o tempo como uma condicionante interpretativa. Desta ação recíproca entre interpretante e interpretado nascem imagens que guardam expressões espaciais e temporais das coisas e das pessoas.

Essas imagens serão, então, nomeadas pela palavra, apesar de a “palavra não se relacionar com a imagem que se tem do objeto, mas com o objeto” (SVENSSON, 2001:152). A linguagem, representação de um signo, encontra-se em toda parte, em nossos pensamentos e em nossas relações com os outros. Através dela é possível identificar infinitas formas de relações sociais.

Todo o campo do saber humano seja ciência ou ficção é perpassado por uma linguagem. E é a linguagem que constrói a realidade, embora a julgemos sua geradora. Numa perspectiva fenomenológica não é impróprio repetir Merleau-Ponty (1999), “O olho que vê o mundo é o mundo que o olho vê”.

É inconcebível, portanto, um mundo desprovido de linguagem. Há mundo, porque há linguagem. Ecoamos aqui a figurativização bíblica no Livro de Gênesis, quando, pela palavra, Deus criou o Céu e a Terra e tudo o que neles se contém.

E nessa evocação simbólica não é demais lembrar que a Terra, sem forma e vazia, foi construída por uma evocação sonora e tudo o que nela se fez formou-se a partir da palavra. Ora, a palavra é um símbolo, e como símbolo representa, então podemos inferir que a expressão do símbolo criou uma realidade.

E assim tem sido desde o Gênesis.

## Conclusão

A espécie humana só é humana à medida que se efetiva em sociedade; não se é humano fora de um tecido social. E, por isso mesmo, o conhecimento das coisas pressupõe um solo fértil de relações sociais, não apenas como referência circunstancial, mas como se fosse uma placenta, que nutre toda e qualquer atividade realizada pelos sujeitos individuais.

Um elemento específico interfere nessa trama de relações sociais caracterizando mais uma vez as peculiaridades humanas, impregnadas por um coeficiente de poder: os símbolos. Os símbolos, ou códigos, são mediações de que nos servimos para lidar com os objetos, com as situações e até mesmo com outros símbolos.

De igual modo, os termos, as palavras, o léxico, são símbolos que representam os conceitos, as imagens mentais e, conseqüentemente, os próprios objetos. Nossa práxis simbolizadora está intimamente ligada às práticas sociais, uma vez que, através dessa representação social, as ações humanas ganham referência para seu desenvolvimento, deixando de ser puramente casuais ou simples resultado de forças mecânicas da natureza.

## Referências

CARPINTERO, A.C.C. **Sobre o Conceito de Espaço**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1986. Trabalho apresentado na disciplina de Trabalho Programado do Curso de Pós-graduação em Estruturas Ambientais da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

ECO, U. **A estrutura Ausente** – Introdução à Pesquisa Semiológica. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FIORIN, J.L. **As Astúcias da Enunciação**. 2. ed. São Paulo: Ática. 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Pontes, 1999.

PIAGET, J. **Epistemologia Genética**. Tradução de Álvaro Cabral; Revisão de Tradução Wilson Roberto Vaccari. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, L.S.D. da. **A Construção de Brasília, Modernidade e Periferia**. Goiânia: UFG, 1997.

SVENSSON, F. **Arquitetura**: Criação e Necessidade. Brasília: UnB, 2001.

ZEVI, B. **Saber Ver a Arquitetura**. Tradução de Maria Isabel Gaspar, Gaëtan Martins de Oliveira. 5. ed. São Paulo, São Paulo. Martins Fontes, 1996.

Recebido em 26 de outubro de 2016.  
Aprovado em 7 de novembro de 2016.